Jornal UFG

Impresso Especial
9912229887-DR/GO
UFG
CORREIOS

PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – ANO VII – Nº 54 – OUTUBRO – 2012

UFG oferece seis novos cursos em 2013

Em 2013 a UFG oferecerá novos cursos em diversas áreas do conhecimento. Em Goiânia começam a funcionar Engenharia Física, Física Médica e Relações Internacionais. Na cidade de Goiás serão criados o bacharelado em Filosofia e o curso de Administração. Na modalidade a distância, será criada a graduação em Administração Pública, coordenado pelo Câmpus Catalão. Confira detalhes sobre os novos cursos nesta edição (Página 4).

Capa: Reuben Lago

Debate sobre a Wikipédia leva comunidade acadêmica a pensar sobre os limites de sua credibilidade e as potencialidades da ferramenta na educação e na ciência (Página 6 e 7)

Professor da UFG recebe reconhecimento internacional por estudo de genes associados à produtividade e qualidade da madeira (Páginas 8 e 9)

EDITORIAL

Apocalípticos, integrados e o fenômeno da wikipédia

Kharen Stecca*

Tudo o que é novo gera incerteza, insegurança, mas também inovação. Haverá sempre quem critique e haverá também quem acredite na novidade. Portanto, sempre haverá os apocalíticos e os integrados, como propõe Umberto Eco. E é assim que um grande fenômeno da internet, a Wikipédia, vem sendo encarado na sociedade. E na universidade o comportamento não é diferente: diante da novidade, há os que se empolgam e há os que receiam as consequências. Contudo, mais importante que opinar é perceber que a academia abre espaço para a discussão do tema. No primeiro semestre de 2012 a Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) reuniu pessoas envolvidas com a Wikipédia para discutir o assunto com a comunidade. Em um auditório lotado, a diretora da Wikipédia no Brasil, Oona Castro, apresentou o projeto, e dois pesquisadores, Alexandre Guiote e João de Melo Maricato, aprofundaram o debate sobre suas potencialidades e limitações.

A Wikipédia propõe-se a ser a enciclopédia livre, construída coletivamente por todos aqueles que julgarem poder contribuir para a criação de novos verbetes e complementação dos já existentes. Como destacou o professor da Facomb, João de Melo Maricato, a criação coletiva é quase uma utopia, baseada em uma sociedade ideal. Mas a utopia existe e está lá para todos que desejem ver, se informar e participar, editando os conteúdos, seja com boas ou más intenções. Ela, assim como outras fontes de informação na *web*, também põe em cheque o padrão de fontes de informação tal qual a academia hoje aceita: um documento estático e impassível de sofrer modificações.

Como coloca Oona Castro, o mundo digital trouxe à nossa realidade um impacto tão ou mais profundo que a criação da impressão gráfica há 500 anos. Se a impressão permitiu a difusão do conhecimento de uma forma nunca antes possível, a Internet criou não só a possibilidade de difusão, mas de dar voz e ouvidos a todas as manifestações que antes não tinham espaço para comportá-las. As conexões em redes geradas por *sites*, como a Wikipédia, transformam a geração do conhecimento, e a universidade precisa não só estar atenta a essa nova realidade, como discutir e participar do processo. Não por acaso a Wikipédia criou uma série de parcerias com universidades brasileiras que tem permitido melhorar os verbetes da enciclopédia por meio do conhecimento produzido e adquirido por pesquisadores e estudantes dessas instituições. Assim, a Wikipédia torna-se mais um meio que permite difundir o conhecimento e a pesquisa produzidos pela academia.

Inovar é necessário, não perder de vista as transformações sociais precisa ser um foco. O **Jornal UFG**, sensível a esse debate, traz um resumo do debate a todos que também desejam entender um pouco essa ferramenta que muito tem a contribuir com a sociedade, desde que a participação e a colaboração deixem de ser uma utopia e o projeto seja encarado de forma séria e comprometida por apocalipticos e integrados.

Ainda nesta edição, confira uma matéria sobre um estudo da UFG, cujo artigo foi publicado na revista científica britânica *Science*, além de informações sobre Engenharia Física, Física Médica, Relações Internacionais, bacharelado em Filosofia, Administração na Cidade de Goiás e Administração Pública, na modalidade ensino a distância, os novos cursos da UFG.

*Kharen Stecca é jornalista e servidora da Ascom.

CÂMPUS EM FOCO

Fotos: Carlos Siqueira

XI Encontro das Ligas Acadêmicas oferece serviços à população

No dia 2 de setembro ocorreu o XI Encontro das Ligas Acadêmicas realizado pela turma 58 da Faculdade de Medicina da UFG e pelo Sesc Goiás, com o apoio da Prefeitura de Goiânia e de estudantes e professores da Pontifícia Universidade Católica (PUC-GO) e da Universidade Estadual de Goiás (UEG). O evento foi realizado na Praça Cívica e quem circulou pelos estandes montados pôde tirar dúvidas e fazer alguns exames como aferição de pressão, teste de diabetes e de memória para idosos. Diogo Silveira, acadêmico de Medicina da UFG e responsável pelo evento, comemorou o sucesso da atividade de extensão. "É uma forma de transmitir o conhecimento para a comunidade", justificou. Para a senhora Luiza Pereira que visitou o estande da Liga de Oftalmologia, "a promoção de eventos desse tipo é uma forma de ajudar e ser ajudado".

Entre as atividades mais procuradas estavam as realizadas pela Liga Acadêmica de Diabetes. Ali as pessoas respondiam a um questionário sobre o histórico de saúde familiar, hábitos alimentares e atividades físicas, mediam a pressão arterial e a taxa de glicemia, além de receber orientações sobre como tratar a doença.

Pesquisas conquistam o primeiro e o segundo lugares do Prêmio Henri Nestlé

Divulgação

Da esquerda para direita estão, as estudantes do curso de Nutrição, Silvana Silva dos Santos e Ludimila Pereira da Silva (que ganharam o primeiro lugar), Gilsimeire Moraes Bastos, que participou das duas pesquisas, e a professora Maria Raquel Hidalgo Campos, uma das orientadoras dos trabalhos

Duas pesquisas de estudantes da UFG destacaram-se na 3ª Edição do Prêmio Henri Nestlé, na área de Ciência e Tecnologia de Alimentos. Os trabalhos foram orientados pelos professores Maria Raquel Hidalgo, da Faculdade de Nutrição, e Manoel Soares Soares Júnior, da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos. Na categoria I, em nível de graduação, ganhou o primeiro lugar a pesquisa "Caracterização física, química e tecnológica de resíduos da industrialização de batata". Em terceiro lugar da categoria II, nível de pós-graduação, ficou a pesquisa "Obtenção de *snaks* e farinhas pré-gelatinizadas a partir da industrialização da batata: efeito das variáveis de extrusão nas propriedades físicas e funcionais". As pesquisas foram realizadas em parceria com a Indústria de Produtos Alimentícios CICOPAL Ltda, que está implantando um sistema para aproveitamento dos resíduos gerados durante o processamento da batata.

Jornal UFG

Publicação da Assessoria de Comunicação
Universidade Federal de Goiás
ANO VII – Nº 54 – OUTUBRO 2012

ASCOM – Reitoria da UFG – Câmpus Samambaia
C.P.: 131 – CEP 74001-970 – Goiânia – GO
Tel.: (62) 3521-1310 /3521-1311 – Fax: (62) 3521-1169
www.ufg.br – imprensa@reitoria.ufg.br – www.ascom.ufg.br

Universidade – **Reitor:** Edward Madureira Brasil; **Vice-reitor:** Eriberto Francisco Bevilaqua Marin; **Pró-reitora de Graduação:** Sandramara Matias Chaves; **Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Divina das Dores de Paula Cardoso; **Pró-reitor de Extensão e Cultura:** Anselmo Pessoa Neto; **Pró-reitor de Administração e Finanças:** Orlando Afonso Valle do Amaral; **Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos:** Jeblin Antônio Abraão; **Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária:** Ernando Melo Filizzola.

Jornal UFG – **Coordenadora de Imprensa e editora-geral:** Silvana Coleta Santos Pereira; **Editora:** Silvânia de Cássia Lima; **Editora-assistente:** Michele Ferreira Martins, Kharen Stecca Fleury; **Conselho editorial:** Angelita Pereira, Goiamérico Felício Santos, Ivan Torres Nicolau de Campos, Maria das Graças Monteiro Castro, Silvana Coleta, Venerando Ribeiro de Campos, Célia Sebastiana Silva; **Suplentes:** Valéria Maria Soledade de Almeida, Suely Henrique de Aquino Gomes; **Revisão:** Ana Paula Ribeiro Lopes; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Cleomar Nogueira e Reuben Lago; **Fotografia:** Carlos Siqueira; **Reportagem:** Patrícia da Veiga Borges, Kharen Stecca; **Colaboradores:** Fábio Gaio; **Estagiários:** Anamaria Machado, Layane Palhares (jornalismo); **Bolsistas:** Ana Flávia Marinho (jornalismo), Pollyanna Lima (administrativo), Thamara Rocha e Wéber Félix (fotografia); **Secretário administrativo:** Leonardo Rezio; **Impressão:** Centro Editorial e Gráfico (Cegraf) da UFG.

Cléber Folgado

Combate aos agrotóxicos, uma questão de política

Patrícia da Veiga

Wéber Félix

Cerca de 30% da hortifruticultura consumida em Goiás está contaminada por resíduos de agrotóxicos, apresentando teores abusivos de produtos que, ou não são considerados apropriados para os alimentos, ou sequer são reconhecidos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). No país, esse porcentual passa de 70%. Isso é o que indica o Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA), que, desde 2001, avalia o quanto a população tem sido afetada pela aplicação de veneno nas lavouras (veja o último relatório, com data de 2010, em portal.anvisa.gov.br). A questão é de saúde pública e também política, defende Cléber Folgado, coordenador executivo da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida (www.contraosagrotoxicos.org). Segundo ele, os riscos que os agrotóxicos oferecem à saúde e ao meio ambiente são eminentes e devem ser analisados como consequências do modelo de agricultura vigente no país. "É preciso denunciar o agronegócio e anunciar a agroecologia", defende. *Grosso modo*, poder-se-ia dizer que a agroecologia sugere produzir alimentos em bases sustentáveis, valorizando os saberes locais e sem (ou com o mínimo de) interferências industriais em seu processo. Atualmente, os movimentos sociais do campo vêm falando menos diretamente em reforma agrária e com mais veemência em agroecologia, como se aquela fosse uma consequência dessa. Cléber esteve em Goiânia no mês de junho, durante a Agro Centro-Oeste Familiar, lançando oficialmente as atividades da campanha no estado, e falou com o **Jornal UFG** sobre os desafios de se travarem debates críticos a respeito do tema. Confira.

Quais os argumentos das entidades envolvidas na Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida para convencer as pessoas sobre a gravidade do problema?

Os argumentos partem de dois objetivos da campanha: fazer a denúncia do agronegócio e o anúncio da agroecologia. No caso da denúncia, buscamos desmistificar o discurso hegemônico de que o agronegócio é o único modelo possível de produção de alimentos com qualidade e que garante a entrada de divisas no Brasil. O agronegócio não produz alimentos, produz *commodities*, ou seja, recursos naturais para exportação. E boa parte desses recursos naturais (cerca de 1/3 das exportações agropecuárias) vem, na verdade, da pequena agricultura. Apontamos também que o agronegócio depende quase que inteiramente do Estado para garantir sua produção. Para cada R$ 150 bilhões produzidos, o Estado financia R$ 110 bilhões, sob a forma de crédito. Dessa forma, a médio prazo, esse modelo não se mostra viável do ponto de vista econômico e ambiental. Aliás, ambientalmente falando, a saúde é uma de nossas maiores preocupações. Temos muitos problemas de saúde relacionados com o uso indiscriminado e abusivo de agrotóxicos, ainda que de forma indireta, como perda de fertilidade, diversas formas de câncer, má formação de fetos, entre outras sequelas.

Qual seria a alternativa para esse cenário?

Apontamos a agroecologia por ser viável para a produção agrícola e para a produtividade, por respeitar o meio ambiente, e porque não é necessário dispor de um latifúndio para se fazer agroecologia, aspecto que reacende o debate sobre a necessidade de se fazer reforma agrária no Brasil, para gerar emprego, tanto no campo quanto na cidade.

Quais são os desafios enfrentados?

O principal é o de estabelecer um diálogo tranquilo e aberto com a sociedade. Estamos em uma luta simbólica e desigual com o agronegócio, que possui recursos, conta com o apoio de emissoras de TV e rádio, além de outras estratégias, como distribuir cartilhas nas escolas, destacando os "benefícios" do agronegócio. Outro desafio é envolver no debate tanto os camponeses quanto os trabalhadores da cidade, já que ambos são atingidos pelos efeitos nocivos do uso de agrotóxicos para a saúde e o meio ambiente. Para isso, temos comitês da campanha em 22 estados brasileiros, além de 50 organizações vinculadas, como as ONGs de cunho ambientalista, as camponesas, como a Via Campesina, instituições públicas, como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto Nacional do Câncer, sindicatos e outros. Mas queremos expandir a campanha. Nossa meta é alcançar todos os estados da Federação, além dos municípios, aumentar a quantidade de organizações vinculadas e ampliar a participação dos profissionais da Saúde. Conseguimos certo avanço por meio da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), que aderiu à campanha, mas nos comitês ainda é pequena a quantidade de profissionais da área envolvidos.

Quais são e como estão sendo articuladas as bandeiras de luta definidas pela campanha para atuação prática?

As principais bandeiras de luta foram definidas por consenso. A primeira é pelo fim da pulverização aérea de agrotóxicos. Apesar de haver legislação específica definindo as formas de aplicação dos produtos, na prática a lei não é respeitada. É comum encontrarmos aviões pulverizadores passando próximos a cursos d'água e a populações ribeirinhas, sem respeitar as distâncias mínimas. Dados governamentais também revelam que apenas 30% do que é aplicado alcança a planta ou o inseto. O restante fica na terra ou no ar. A segunda é pelo fim das isenções fiscais dadas às empresas distribuidoras de agrotóxicos no Brasil. Há seis corporações que controlam o mercado mundial desses produtos, arrecadando algo em torno de 70% do que é vendido no mundo. No Brasil, onde se consome 20% da produção mundial de agrotóxicos, essas empresas arrecadam 85% do que é comercializado. E essas empresas são isentas de muitos impostos. O fato de que essas empresas vêm para o Brasil, destroem nosso meio ambiente, contaminam nossa terra, nosso ar, conseguem lucros enormes – só no ano passado foram US$ 8 bilhões acumulados – e no final estão isentas de pagar seus impostos não é uma incoerência? Afinal, qualquer brasileiro paga imposto para tudo. Já a terceira é pelo banimento imediato dos agrotóxicos que já foram banidos em outros países. Há uma lista enorme e somente 14 foram colocados em reavaliação pela Anvisa.

De modo geral, como tem sido a aceitação dessa campanha?

Depende muito do grupo. Os agricultores estão cientes da problemática, mas sempre perguntam "como fazer"? Criamos então oficinas para produção de biofertilizantes e desenvolvimento de técnicas da agroecologia de modo geral. As pessoas da cidade desejam saber como encontrar e identificar produtos alimentícios de qualidade, sem veneno. Para os trabalhadores da Saúde, o foco são os efeitos do uso de agrotóxicos. Mas, quando falamos para as pessoas que trabalham para o agronegócio, encontramos uma forte resistência. Elas argumentam que é "o agronegócio o responsável pela balança comercial", ou que "somente o agronegócio é produtivo". Ou então questionam: "E como vamos produzir comida"? Explicamos que o agronegócio não produz comida, pois 70% do que está na mesa da população vem dos camponeses. O curioso é que o espaço da universidade é o que apresenta maior resistência. Há uma ideia geral já consolidada e hegemônica, do ponto de vista ideológico, de que há somente um único modelo de produção possível. A verdade é que, se olharmos para o passado, veremos que na América Latina o modelo capitalista de agricultura tem pouco mais de 50 anos, enquanto a história da agricultura no mundo abrange um período de 10 a 12 mil anos. Então, se há somente um único modelo, como as pessoas sempre produziram alimentos?

A íntegra da entrevista está em: www.jornalufgonline.ufg.br

UFG aprova a criação de seis cursos para 2013

A universidade oferecerá três cursos em Goiânia e três nos câmpus do interior

Anamaria Rodrigues

A Universidade Federal de Goiás terá novidades para o ano de 2013. Foi aprovada a criação de cinco novos cursos que serão oferecidos no processo seletivo 2013/1, e um curso para o processo seletivo 2013/2, com o total de 340 novas vagas.

Os cursos criados são: Engenharia Física (25 vagas) e Física Médica (25 vagas), ligados ao Instituto de Física (IF); Relações Internacionais (40 vagas), ligado à Faculdade de Ciências Sociais (FCS); bacharelado em Filosofia (50 vagas) e Administração (40 vagas), ligados ao Câmpus Cidade de Goiás; e o curso de Administração Pública (240 vagas), na modalidade Ensino a Distância (EAD), com a coordenação do curso ligada ao Câmpus Catalão.

Segundo a pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves, a criação desses cursos é extremamente importante para uma universidade pública, já que esta possui o compromisso de formar profissionais bem qualificados para a sociedade. Ela lembra que os cursos foram criados por iniciativa das próprias unidades acadêmicas. "Isso mostra o interesse que elas têm de ampliar suas vagas, ofertar novos cursos, e seu compromisso com o papel e a função social da universidade", diz a pró-reitora.

Com exceção do curso de Administração do Câmpus Cidade de Goiás que possui recursos do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), e o curso de Administração Pública EAD, que possui recursos de edital específico do MEC, os demais cursos serão implantados com recursos da própria universidade.

Os cursos

O curso de bacharelado em Administração Pública EAD foi uma resposta ao edital de 2012 do Programa Nacional de Formação em Administração Pública (PNAP), criado pelo Ministério da Educação (MEC). O programa envolve não só o curso de bacharelado, mas também três cursos de especialização em Gestão Pública, Gestão Pública Municipal e Gestão em Saúde. O objetivo é a qualificação do quadro de funcionários atuantes na gestão do Estado brasileiro em suas várias áreas administrativas, principalmente no interior do país, por meio de polos do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). O curso de graduação na UFG estará vinculado ao Câmpus Catalão e atenderá quatro polos/municípios: Alto Paraíso de Goiás, Aparecida de Goiânia, Catalão, Goianésia, Mineiros e São Simão.

O Câmpus Cidade de Goiás atualmente conta com três cursos: Direito, Serviço Social, e licenciatura em Filosofia, para a formação de professores. A comunidade acadêmica local percebeu a necessidade de expandir a licenciatura em Filosofia e complementar o campo de atuação dos profissionais da área, permitindo que eles possam se tornar também pesquisadores. Assim, o bacharelado em Filosofia foi solicitado e aceito, podendo dessa forma contribuir para aumentar o número de egressos do curso de licenciatura já existente. Essa modalidade estará disponível apenas no processo seletivo 2013/2.

Já o curso de Administração oferecido no mesmo câmpus tem como principal objetivo privilegiar a população do Vale do Rio Vermelho, já que não existe o curso na região. O enfoque será a gestão pública e sociocultural. Segundo o diretor do Câmpus Cidade de Goiás, Gonzalo Armijos, "nos mais de três anos que estou como diretor, tenho visto o impacto social e econômico que significou para a cidade e região a criação desse câmpus, com mais de uma centena de pessoas novas chegando todo ano à cidade para começar seus estudos", afirma.

Segundo o diretor, no final do semestre passado, foi decidido o local em que serão construídos um auditório e uma biblioteca, que deve atender aproximadamente, 10 cursos previstos para até 2020.

Atualmente a região Centro-Oeste possui 13 cursos de Relações Internacionais, sendo 10 localizados no Distrito Federal, dois no Mato Grosso do Sul, e um em Goiás oferecido pela PUC-Goiás. O crescimento na balança comercial, a inclusão das missões comerciais como principal política pública de comércio exterior por iniciativa do governo, e a assinatura de acordos com organismos internacionais tornam a presença de profissionais capacitados em empresas, governos, universidades e demais instituições uma necessidade profissional. Sensível a esse contexto, a Faculdade de Ciências Sociais (FCS), contando com o apoio das Faculdade de História (FH), Faculdade de Administração e Ciências Econômicas (FACE), Faculdade de Direito e a Faculdade de Letras elaboraram a proposta de criação do curso, a ser desenvolvido com base em três linhas: Comércio exterior, Cooperação e internacionalização, e Política internacional e inserção da América Latina.

Para o diretor da Faculdade de Ciências Sociais, Luiz Mello, a criação do curso de Relações Internacionais é também o resultado da demanda de muitas pessoas que gostariam de estudar em uma universidade pública e gratuita. "Vivemos em um mundo cada vez mais globalizado, sendo fundamental a criação de um curso que tem por objetivo principal o aprofundamento dos debates teóricos e das análises críticas acerca da intensa circulação de pessoas, ideias e mercadorias, bem como das alianças e conflitos entre países e povos", afirma.

Tanto o curso de Física Médica quanto o de Engenharia Física são novidades no estado de Goiás. Goiânia possui grandes hospitais de referência nacional. Segundo o diretor do Instituto de Física da UFG, Fernando Pelegrini, todos os hospitais modernos usam várias técnicas desenvolvidas em laboratórios de pesquisa básica em Física, como a ressonância magnética nuclear, tomógrafos, lasers e os raios X. O fato é que os hospitais se tornaram cada vez mais dependentes de uma série de técnicas que os médicos não dominam. A ideia do curso de Física Médica, portanto, é formar um profissional responsável por desenvolver pesquisas básicas na área de Física Aplicada à Medicina e Biologia, ou atuar no mercado de trabalho desenvolvendo novos equipamentos para tratamentos e diagnósticos médicos. Segundo o professor Silvio Leão Vieira, "a Física Médica usa técnicas de física experimental e teórica, para aplicações terapêuticas e diagnósticas", explica.

Já Engenharia Física supre novas áreas de atuação relacionadas principalmente à nanociência, nanomateriais e nanotecnologia, ligadas à pesquisa básica em física, química e materiais. O curso de Engenharia Física terá por objetivo formar profissionais para trabalhar no desenvolvimento, fabricação e aplicações de dispositivos tecnológicos avançados, com foco naqueles derivados das propriedades da Matéria Condensada (por exemplo, a nanotecnologia), e também nos diversos campos da engenharia e de processos tecnológicos que requeiram uma rica formação em física.

Ambos os cursos buscam suprir um mercado carente de profissionais especializados nas relações existentes entre a física, a medicina e a engenharia. A duração de cada curso é de cinco anos.

Entenda como atuam os profissionais em cada área

Relações Internacionais - O profissional formado em Relações Internacionais é responsável por refletir criticamente e atuar no âmbito das relações entre povos, nações e empresas. Sua função é contribuir para facilitar acordos de diversas áreas, como a política, a militar, a econômica e a cultural. Pode trabalhar em ministérios, embaixadas e consulados, grandes empresas, bancos e ONGs.

Administração - O administrador é o profissional responsável pelo planejamento das estratégias e pelo gerenciamento do dia a dia de uma empresa. Ele ajuda a definir, a analisar e a cumprir as metas da organização. Esse profissional trabalha nos mais diversos setores - de hospitais, fábricas e escolas a ONGs, empresas do setor público e aquelas dedicadas ao comércio pela internet.

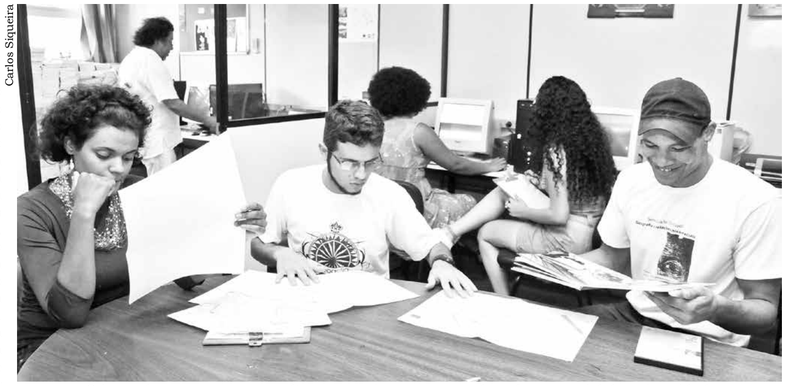
Física Médica – O físico médico busca aprimorar e desenvolver novas formas de diagnóstico e terapia, além de estudar como o corpo humano interage com as diferentes formas de energia. Possui como áreas de atuação instituições de ensino e pesquisa, hospitais, clínicas, empresas públicas e privadas e indústrias da área biomédica.

Engenharia Física - O engenheiro físico pode criar, desenvolver e aplicar dispositivos que utilizam raios laser em equipamentos médicos e biomédicos. Pode atuar, ainda, nas áreas de eletrônica, ótica linear e não linear, novos materiais, energia e meio ambiente. O bacharel se encaixa em diversos setores, principalmente nos de nanotecnologias, energias renováveis, instrumentação médica e biomédica, meio ambiente e transporte. Empresas como Petrobrás, Agilent, Alcoa, Motorola, 3M e Siemens são algumas que costumam abrir vagas.

Administração Pública - Os profissionais são habilitados para a execução do planejamento e da gestão de políticas públicas, a implementação de programas de responsabilidade social, a gestão de organizações sociais e a elaboração de programas governamentais. Também são requisitados para atuar em agências reguladoras e de fomento social. Consultoria, Gestão de Projetos, Gestão de Tecnologia da Informação e Construção Civil são setores que mais demandam esse profissional.

Bacharelado em Filosofia - O filósofo dedica-se a investigar e a questionar com profundidade e rigor metodológico a essência e a natureza do universo, do homem e de fatos. Estuda as grandes correntes do pensamento e a obra dos filósofos. Faz reflexões sobre questões éticas, políticas, metafísicas e epistemológicas, além de buscar compreensão teórica de conceitos, como os de espaço, tempo, verdade, consciência e existência. Quanto a área de atuação a carreira acadêmica é uma das opções que surgem ainda durante a graduação. Mas este profissional também tem sido requisitado a trabalhar em Comissões de Ética, escolas, editoras, meios de comunicação, empresas, movimentos sociais, ONG's e partidos políticos.

Fonte: Guia do Estudante (guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/) e coordenações dos cursos



Carlos Siqueira

Criação de novos cursos ressalta compromisso com o papel e a função social da universidade

Produção científica à mostra

Em sua nona edição, o maior evento de divulgação científica da universidade discute Economia Verde, Sustentabilidade e Desenvolvimento Social

Carlos Siqueira

Um dos principais objetivos do Congresso é divulgar os trabalhos produzidos pelos bolsistas da UFG

Ana Flávia Marinho

Dos dias 22 a 26 de outubro a UFG realiza o IX Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão, o Conpeex. O evento gratuito ocorre no Câmpus Samambaia e será aberto a toda comunidade acadêmica e também externa. As atividades acontecem durante todo o dia e incluem a conferência de abertura, mesas-redondas, palestras, apresentações de trabalho, minicursos e programação cultural.

O tema deste ano é "Economia verde, sustentabilidade e desenvolvimento social: tríade para transposição de fronteiras", e está relacionado às discussões nacionais e internacionais sobre desenvolvimento sustentável, com foco na inovação e na troca de experiências. Segundo o coordenador do IX Conpeex 2012, professor Lawrence Gonzaga Lopes, "o tema é atual tanto nos aspectos político, econômico e social" e coincide com o da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2012, proposta pelo Ministério de Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI).

Fique atento – Uma novidade dessa edição será o controle da frequência dos congressista de forma eletrônica. Todos receberão crachás na secretaria do evento, que deverá ser apresentado na entrada e saída de todas as atividades. Diferentemente dos anos anteriores, a frequência será controlada por meio de um *QR code*, uma espécie de código de barras bidimensional, que pode ser escaneado pelo leitor digital.

Os certificados de participação estarão disponíveis no sítio do IX Conpeex (link em www.proec.ufg.br), a partir do dia 30 de outubro, aos congressistas que participarem de, no mínimo, três palestras ou atividades científicas e uma programação cultural. A carga horária constante será de 30 horas. Aos que apresentarem trabalhos, será entregue um certificado logo após a atividade. Também estará disponível no sítio do evento (no item "Links relacionados" do menu) os anais do Conpeex 2012.

Programação – Entre as diversas atividades que o congresso oferece, estão o XX Seminário de Iniciação Científica da UFG, o IX Seminário de Pós-Graduação da UFG, o III Seminário de Pesquisa da UFG, a X Mostra de Extensão e Cultura da UFG, o IX Seminário Prolicen, o IV Seminário Geral PIBID, a oficina "Captação e gestão de projetos na Fundação de Apoio à Pesquisa da UFG (Funape)" e as Semanas Acadêmicas nas unidades.

Para as mesas-redondas já estão confirmados os temas "Energia, bioenergia e conservação ambiental", "A ética científica" e "Os desafios da formação profissional". Nas conferências, será possível debater temas como "Águas e preservação do Cerrado", "Empreendedorismo e o mercado de trabalho", "Educação continuada por competência: do conceito à implementação" e "Nanotecnologia e saúde". Para cada mesa-redonda é esperado um público de aproximadamente 800 pessoas, e para as conferências, de 100 a 150 pessoas por tema.

A academia pode se valer da Wikipédia?

Especialistas debatem as potencialidades da enciclopédia *online* mais famosa do mundo, bem como de seu sistema de compartilhamento de informações. Eles tentam responder se a ferramenta serve como fonte de informação para a educação e para a ciência.

Kharen Stecca e Patrícia da Veiga

A Wikipédia propõe-se a ser uma enciclopédia editada coletivamente, com conteúdo autorregulável pela própria comunidade que dela participa. Trata-se de um projeto de produção e reprodução de informações que envolve milhares de internautas em todo o planeta e vários critérios de edição definidos internamente. Para discutir os usos da Wikipédia e até que ponto ela é uma fonte que inspira credibilidade, a Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG (Facomb) promoveu um debate no mês de abril, convidando a diretora da *Wikimedia Foundation* no Brasil, Oona Castro. Por videoconferência, também participou Alexandre Guiote, jornalista, doutor em Filosofia da Informação, pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), com a tese *El efecto Wikipédia: cómo la creación colectiva actúa en los procesos comunicativos*. Da UFG, participaram como mediadores do debate os professores João de Melo Maricato e César Viana, ambos do curso de Biblioteconomia. O evento lançou o Núcleo de Inteligência Social - grupo de pesquisadores dedicados aos estudos de mídia e de vivências digitais - coordenado pelo professor César Viana. Nesta edição, o **Jornal UFG** traz o resumo dessa mesa-redonda.

Oona Castro: "A Wikipédia mostra como as pessoas podem fazer as coisas coletivamente"

Do ponto de vista do acesso ao conhecimento, a digitalização provocou o mesmo impacto que a impressão gráfica no século XIX, ao transformar radicalmente a maneira como a informação é distribuída. A internet permitiu difundir uma

Fotos: Weber Félix

Oona Castro

maior quantidade de informação, antes exclusividade da mídia tradicional, representada pelos jornais, rádios, televisão. Hoje publica-se de forma rápida, fácil e barata. No passado, era inconcebível que todos tivessem espaço para falar. O mundo digital modificou profundamente essa realidade.

Outro aspecto da digitalização diz respeito à propriedade intelectual. Quando criamos algo, seu conteúdo é protegido pelo *copyright*, o chamado direito do autor. A popularização da internet desafiou os limites da lei, por isso foi inventado o *creative commons*, uma série de licenças-padrão que liberam o uso daquela obra para fins específicos, definidos de antemão. É nesse ambiente que a Wikipédia foi criada. Seus editores são usuários comuns, colaboradores que entram no sitio de forma anônima ou assinada para editá-la. A Wikipédia tem cinco pilares: é uma enciclopédia; seu conteúdo é livre; é regida pela imparcialidade; possui normas de conduta; e não tem regras fixas. Ela é autorregulável. A comunidade tem administradores que podem remover conteúdos a pedido de qualquer pessoa que queira a remoção. A avaliação do conteúdo cabe ao administrador e à comunidade, que juntos decidem se o verbete deve ser retirado, por não ser recomendável ou não atender aos critérios da Wikipédia, como notoriedade, relevância, entre outros.

Já o apoio, suporte e manutenção de condições mínimas necessárias para execução da Wikipédia (além de vários outros projetos) é de responsabilidade da *Wikimedia Foundation*. Esta também realiza mutirões pelo conhecimento livre, para editar determinados verbetes em grupo, como o Wikipédia universidade, que, por meio de parcerias com professores, procura editar conteúdos e melhorar verbetes. A Faculdade de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) estabeleceu parceria para editar artigos sobre Roma Antiga, mediante conhecimentos adquiridos em sala de aula e compartilhados com o resto do mundo.

Em relação à credibilidade do conteúdo, faço dois questionamentos. Primeiro, tal como a Wikipédia, todas as informações a que temos acesso vêm de fontes que merecem credibilidade? Segundo, devemos lembrar que a informação errada pode ser corrigida pelo próprio usuário da Wikipédia, o que não é possível em outros meios. Sabemos que o jornalista é um mediador importante, mas ele precisa reconstruir sua credibilidade todos os dias. E os editores da Wikipédia enfrentam esse mesmo desafio.

Alexandre Guiote: "Compreender melhor a criação coletiva permite desenvolver estratégias para a utilização desse potencial"

A criação coletiva na natureza é capaz de criar esquemas complexos, como colônias de cupins ou cardumes de peixes. Na Wikipédia, o processo é semelhante. Todos esses sistemas são auto-organizados, funcionam com base em regras simples, têm controle descentralizado e possuem densas redes de conexão. Esse último aspecto é o principal: quanto mais conexões, melhor se torna o funcionamento desses sistemas. Além disso, como estão em constante modificação, são também dinâmicos. Com base nessa comparação, podemos compreender melhor o campo de influência da criação coletiva na sociedade, e assim desenvolvermos estratégias para usar todo esse potencial. Na Wikipédia, o campo de influência se modifica mediante os seguintes mecanismos: primeiro, por meio dos *links* externos e internos dos verbetes; segundo, pelas citações da enciclopédia em jornais, revistas, publicações oficiais e pesquisas; e terceiro, por intermédio dos chamados agentes amplificadores das ações da Wikipédia. A diferença entre os três mecanismos está no uso que fazem do sitio. Os dois primeiros divulgam a enciclopédia; o último utiliza o conteúdo de maneiras diferentes. Assim, se um jornal publica um *link* da Wikipédia, ele está simplesmente divulgando a enciclopédia; mas se um jornalista usa qualquer conteúdo do Wikipédia como ponto de partida para uma matéria, esta se torna um agente amplificador, mesmo que não mencione a fonte.

Vamos analisar um verbete popular da Wikipédia, o aquecimento global. Há em torno desse tema uma rede interna de conhecimento de quase 13 mil artigos. Para cada artigo, cria-se uma nova rede. No fim das contas, temos uma rede interna de *links* muito densa, na qual um artigo promove o outro. No momento da pesquisa, o tema havia recebido 993 *links* de ONGs, de diversos meios de comunicação, órgãos dos governos e universidades, isso sem mencionar os *links* externos, que também dão ampla divulgação à Wikipédia.

Divulgação

Alexandre Guiote

As citações também funcionam como mecanismo de divulgação. Analisando 67 jornais, distribuídos em 31 países, e em 6 idiomas, percebemos que a enciclopédia ocupou um grande espaço na mídia nos últimos dez anos. Só o *The New York Times* fez cerca de 16 mil menções à Wikipédia.

Os agentes amplificadores, que correspondem ao terceiro mecanismo, são os responsáveis por fazer a Wikipédia chegar até a sociedade de forma indireta: pelos meios de comunicação, quando ela é utilizada como fonte; como base de dados para projetos em web-semântica, como buscadores mais inteligentes; para o desenvolvimento de novas plataformas com o conteúdo da enciclopédia; e, por último, por meio de outras *wikis* que a utilizam como modelo.

João de Melo Maricato: "A Wikipédia rompe com o conceito de documento estático"

É importante frisar que os critérios de seleção e avaliação de fontes de informação para documentos impressos são iguais aos utilizados para fontes na internet. No campo da Ciência da Informação há pouca literatura sobre avaliação de fontes de informação emergentes como a Wikipédia. Alguns pesquisadores consideram o conhecimento algo imaterial e intangível, objeto de estudo da área de Ciência da Informação. Para outros, é a informação registrada, na forma escrita, impressa ou numérica, oral ou audiovisual, o seu objeto de estudo. Informação é quase sinônimo para documento. Essa é uma visão fundamental para se discutir a credibilidade e a qualidade das fontes de informação. Paradoxalmente, é um ponto que agrega os maiores elogios e críticas à Wikipédia. A lógica do *site* reside em um modelo de sociedade ideal que constrói o conhecimento de maneira coletiva.

Como fonte de informação para a ciência e a educação, a Wikipédia rompe com o conceito atual de documento. O documento estático produz mais qualidade que o dinâmico? Não necessariamente. A construção do conhecimento científico e suas formas de publicação repousa na lógica da imobilidade e na indicação da responsabilidade intelectual da obra. Por esse motivo, para nós, cientistas, a Wikipédia carece de credibilidade porque não existe autoria, ela é um organismo vivo, não constitui documento. Como citar algo que não existe? Não há autores, pois estes são todos e ninguém, não há uma organização que edita o conteúdo. Existem mecanismos na Wikipédia para melhorar a qualidade, mas eles não são aceitos pela comunidade científica. As pessoas consultam a enciclopédia, mas não costumam referenciá-la em textos acadêmicos, até mesmo porque a intenção do *site* não é esgotar os assuntos ou subsidiar a elaboração de trabalhos científicos.

Outro ponto que desejo abordar é o do uso escolar da Wikipédia por crianças e adolescentes. Meu receio é que elas estejam usando a Wikipédia apenas como fonte de informação, como era feito antes da invenção do digital: o professor pedia uma pesquisa e o aluno copiava o verbete da enciclopédia. Mas se a verdadeira noção de pesquisa escolar está no confronto entre várias fontes, usar a Wikipédia pode trazer grandes benefícios, porque existem textos de qualidade no sitio. Além do confronto, pode-se escrever, contar a história, ou seja, tudo isso ajuda no desenvolvimento intelectual.

Weber Félix

João de Melo Maricato

O debate: relevância e credibilidade da Wikipédia

Como os critérios de relevância da Wikipédia são estabelecidos?

Oona Castro - Existe um debate constante no sitio acerca dos critérios de relevância, porque é difícil estabelecer o que é relevante, já que as regras não podem mudar constantemente e a definição não é necessariamente global. Há um grupo favorável a impedir que informações aleatórias entrem na *wiki* e outro contrário a essa limitação. Há algum tempo, ocorreu uma discussão sobre se bairros deveriam ou não fazer parte do conteúdo. Decidiu-se por sua inclusão, afinal, todo bairro tem uma história e uma peculiaridade, falar sobre bairros é discutir regionalismo e as pessoas que dominam aquele espaço. Depois tentaram reverter a decisão porque os verbetes passaram a abordar bairros muito pequenos e histórias muito específicas.

Divulgar questões científicas é uma das funções da Wikipédia? E se for, qual a credibilidade das informações veiculadas?

Oona Castro - A Wikipédia não se propõe a ser um espaço de divulgação de descobertas científicas inéditas. Ela divulga o que já foi publicado na imprensa, nas revistas científicas e acadêmicas. Por outro lado, por que esperar que a descoberta científica seja primeiro publicada em um desses veículos? É um equilíbrio difícil e a questão da relevância permanece em aberto. Já o receio de plágio existe e sempre vai existir. O essencial é focarmos na qualidade dos verbetes, e para isso as parcerias com as universidades são importantes. Há na ABNT uma norma para referenciar citações da Wikipédia, usando o histórico do sistema, que inclui a data e o horário em que a consulta foi feita. Novamente, entra o estático e o dinâmico: quando a fonte é novamente consultada, às vezes o conteúdo foi modificado. Na Wikipédia você pode recuperar o conteúdo da data anterior.

Alexandre Guiote – A grande função da Wikipédia é ser ponto de partida para a informação ou servir de contraponto à informação, que está sempre mudando. O que é algo positivo, pois está surgindo uma geração acostumada a selecionar dados e não somente a absorvê-los. Por isso, na Wikipédia o importante é tanto o artigo quanto os enlaces internos e externos, ou seja, os artigos que complementam a bibliografia, a página de discussão, o histórico. Lá temos um sistema de ferramentas eficientes para chegarmos à informação desejada.

Qual a relação entre a Wikipédia e outras mídias com o mesmo formato digital?

Oona Castro - Embora seja a mesma estrutura, estes projetos não têm relação com a Wikipédia ou com a *Wikimedia Foundation*. A ferramenta *wiki* é livre, pode ser usada por quem quiser. A *Wikimedia* não deseja restringir ou controlar quem queira compartilhar e colaborar com vários projetos por meio da ferramenta *wiki*.

Empresas como Facebook **e** Google **valem milhões de dólares. A Wikipédia é uma das marcas mais conhecidas da internet. Como foi possível elaborar um modelo de Fundação sem fins lucrativos?**

Oona Castro - Acho que o Alexandre Guiote tem mais condições de responder a essa pergunta. O que eu sei é que a Wikipédia foi criada para ser um projeto colaborativo, de interesse público, então não faz sentido criar algo baseado em trabalho voluntário, e depois vender o conteúdo produzido coletivamente ou colocar o *site* na bolsa de valores para que alguém ganhe dinheiro com o projeto. A ideia da Fundação nasceu dessa constatação.

Alexandre Guiote- A *Wikimedia* começou como Fundação, sendo sustentada por doações. Nesses 10, 11 anos de existência, o interesse pela Wikipédia cresceu, graças ao público e às empresas. Em 2010, o sitio recebeu U$ 2 milhões, tanto do *Google* quanto do *E-bay*. Além das doações, há todo o valor financeiro gerado pela Wikipédia, com os projetos de web-semântica, agregado ao valor de mercado que ela já possui. Eu não saberia dizer exatamente como funciona, mas é inegável que as doações estão aumentando.

Estudo de professor da UFG tem reconhecimento internacional

Docente da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos recebe prêmio por estudo de genes associados à produtividade e qualidade da madeira em espécies florestais pode proporcionar significativos benefícios socioeconômicos

Layane Palhares

O professor Evandro Novaes, da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos da UFG, recebeu da *International Academy of Wood Science* (IAWS) um prêmio em reconhecimento à qualidade da sua tese envolvendo o estudo da madeira. A IAWS é uma entidade sem fins lucrativos composta por cientistas eleitos pelo mérito de seu trabalho no campo da ciência da madeira.

Esse prêmio é para pesquisadores que realizaram seus estudos em outro país, com o objetivo de incentivar a pesquisa para além das fronteiras nacionais. As teses enviadas pelos candidatos são selecionadas pelo comitê executivo da academia. Até três prêmios anuais podem ser concedidos nas categorias ouro, prata e bronze. Os vencedores são agraciados com medalhas e certificados e os resultados publicados na página da IAWS http://www.iaws-web.org/en/ .

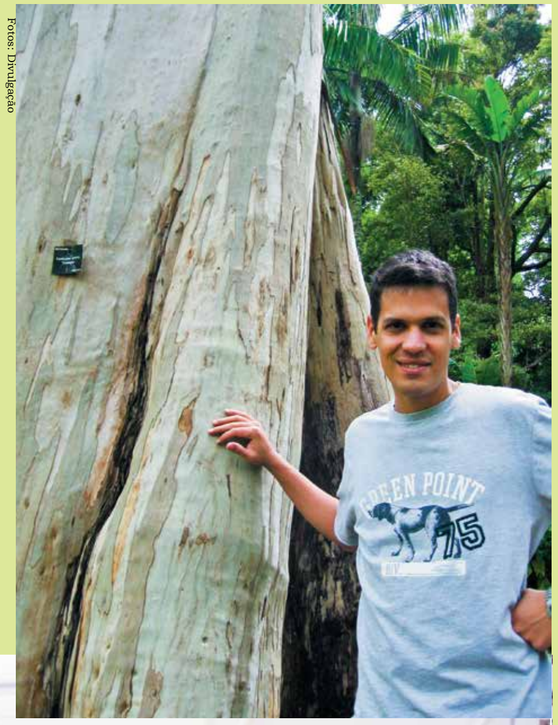
Segundo informações da Organização das *Nações Unidas para Alimentação e Agricultura* (FAO), atualmente as florestas cobrem 30% da área terrestre do mundo. Para atender à crescente demanda por madeira e bioenergia, sem prejudicar os ecossistemas naturais, é fundamental o plantio de florestas para que haja espécies que garantam o suprimento comercial de madeira.

O estudo sobre Genética e Genômica Florestal do professor Evandro Novaes foi desenvolvido na Universidade da Flórida, entre 2006 e 2010. O trabalho se deu na área de bioinformática, por meio de ensaios de laboratório com o objetivo de encontrar genes associados à produtividade e à qualidade da madeira nas espécies de *Eucalyptus* e de *Populus*, que são de grande importância socioeconômica em países de clima tropical e temperado, pois apresentam crescimento rápido. De acordo com o professor, para melhorar a produtividade dessas espécies é importante que os recursos genéticos e genômicos estejam acessíveis para permitir a identificação dos genes responsáveis pelas características de interesse da espécie.

Em sua tese de doutorado, o professor Evandro Novaes também estudou o genoma de *Populus* analisando a expressão de todos os seus genes para mapear os que estiverem potencialmente envolvidos no controle da produção e qualidade da biomassa lenhosa. A expressão gênica é o processo pelo qual a informação hereditária, contida em um gene da sequência de DNA, é processada em um produto gético funcional, tal como proteínas ou RNA.

Segundo Evandro Novaes, a primeira etapa da pesquisa procurou identificar e colocar à disposição pública a sequências de genes do eucalipto: "Fomos o primeiro grupo a identificar e sequenciar os genes de eucalipto. Sabíamos que essas sequências já existiam, porém, circulava apenas em domínio privado. Por meio de modernas técnicas de sequenciamento, hoje as informações estão disponíveis em bancos de dados como o *Short Read Archive* – http://www.ncbi.nlm.nih.gov/sra. Apesar de o processo de sequenciamento genômico ser muito difícil, os resultados obtidos são de grande interesse para a sociedade, especialmente a comunidade científica", disse o professor.

Fotos: Divulgação



Amostra de plantas transgênicas para análise de genes envolvidos na determinação da qualidade da madeira pelo professor Evandro Novaes (foto)

Foto: Carlos Siqueira

Jornal UFG | CIÊNCIA E TECNOLOGIA | Goiânia, outubro 2012

Logo em seguida, o pesquisador partiu para o estudo do *Populus*, que já possuía o genoma sequenciado. "Basicamente o que fizemos foi identificar algumas regiões do genoma que eram responsáveis por duas coisas extremamente importantes na área florestal: a produtividade e a qualidade da madeira", afirmou Novaes.

Durante o estudo o pesquisador encontrou uma região do genoma responsável pela quantidade e qualidade da madeira que a árvore poderia fornecer. "Identificamos uma região do genoma que estava diretamente ligada ao aumento da produtividade da madeira. Além disso, essa mesma região também levava a árvore, em seu estágio inicial de desenvolvimento, a diminuir o teor de lignina. A lignina é responsável pelo fortalecimento e rigidez da planta, funcionando como um agente de fixação que impede e dificulta a retirada da celulose", disse ele. Ou seja, com a redução da lignina temos madeira menos rígida, mas, por outro lado, torna-se mais fácil extrair a celulose .

Segundo o professor, mediante de uma técnica chamada mapeamento genético, foi possível conhecer uma região bem ampla do genoma com centenas de genes potencialmente envolvidos no controle da quantidade e qualidade da madeira. Porém, como seria impossível testar todos esses genes, optou-se pela seleção de evidências indiretas relacionadas ao crescimento e à qualidade da madeira, para só então partir para análises laboriosas da função do gene mais promissor. "Para que o gene possa ser expresso, ele passa pelo estágio de molécula de ácido ribonucléico (RNA) e quanto mais moléculas desse tipo forem encontradas, maior tende a ser a quantidade de proteína e maior a sua expressão. A seleção de evidências indiretas busca associações entre o crescimento e quantidade de lignina na madeira da planta, com a quantidade da expressão dos genes identificados naquela região do genoma", disse o professor.

O trabalho iniciado pelo professor Novaes continua sendo conduzido por outros pós-graduandos no laboratório de seu ex-orientador o professor Matias Kirst. O objetivo é criar árvores transgênicas que comprovem os resultados de suas pesquisas. A expectativa é de que as pesquisas iniciadas com o trabalho do professor da UFG produzam árvores geneticamente modificadas que cresçam mais rapidamente e, ao mesmo tempo, facilitem a extração de celulose.

A redução do teor de lignina, que é o maior entrave para extração da celulose, é altamente desejável para as indústrias de celulose e de biocombustíveis, uma vez que pode reduzir custos e a emissão de agentes químicos nocivos ao meio ambiente, mas necessários à extração da celulose. Porém, de acordo com o professor, é preciso ressaltar que alterar a genética ou a estrutura bioquímica da planta pode ocasionar efeitos adversos. A redução do teor de lignina, por exemplo, que é responsável pela sustentação natural da planta, pode tornar a árvore mais suscetível a quebra por ventos e até mesmo a patógenos.

De acordo com o professor, desenvolver pesquisas no Brasil na área de Genética e Genômica Florestal ainda é difícil pela falta de infraestrutura nos laboratórios e, principalmente, pela falta de incentivo das agências de fomento aos pesquisadores recém-doutores. Ele destaca também que é necessário considerar os problemas específicos de cada região. "O projeto que realizei na Flórida envolveu um alto grau de tecnologia, mas o meu foco agora está voltado para os problemas de importância aqui em Goiás. Por aqui, os problemas na área florestal são muito mais básicos, como, por exemplo, a escassez de materiais genéticos de *Eucalyptus* testados e adaptados às condições do estado. Sendo assim, aqui na UFG, estamos tentando fazer um trabalho de melhoramento genético clássico, iniciando com a busca de uma diversidade de aproximadamente 100 clones de *Eucalyptus*, que serão testados em quatro regiões distintas do estado. Também trabalho em estreita cooperação com grupos de pesquisa mais consolidados aqui na UFG. Nessas colaborações estamos aplicando o nosso conhecimento de genômica e bioinformática para auxiliar as pesquisas de conservação das espécies do Cerrado, bem como o melhoramento genético da cana-de-açúcar na Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroenergético (RIDESA) http://www.ridesa.agro.ufg.br", disse ele.

Foto: Carlos Siqueira

Imagens e Memórias pintam retrato da construção da universidade

Livro publicado em parceria com os Correios revela grande acervo histórico da UFG

Raniê Solarevisky

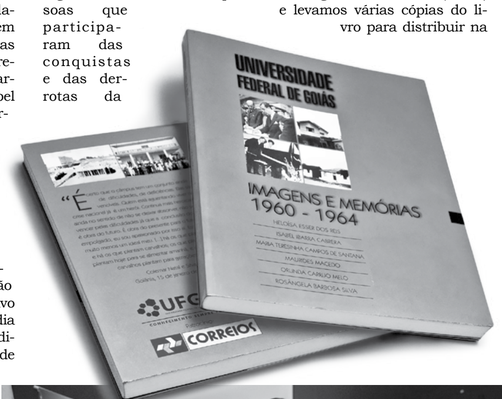
O livro *Universidade Federal de Goiás – Imagens e Memórias – 1960-1964* é o resultado da união de dois projetos. Um desenvolvido pelo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (Cidarq UFG), de organização, digitalização e divulgação do acervo fotográfico da UFG. E o outro desenvolvido na Faculdade de Educação (FE-UFG), focado na realização de entrevistas e documentação de memórias de servidores, professores e alunos que participaram da construção da universidade. A obra, lançada em 2010, atraiu a atenção não só da comunidade universitária, mas também do público externo. As autoras Heloísa Esser Reis, Maria Teresinha Santana, Rosângela Barbosa Silva (Cidarq-UFG), Isabel Ibarra Cabrera, Orlinda Carrijo Melo e Maurides Macedo (FE-UFG), concederam uma entrevista ao **Jornal UFG** para falar sobre a produção e a repercussão da obra.

No ano de 2002, uma equipe do Cidarq iniciou o projeto de extensão "Organização, digitalização e divulgação do acervo fotográfico do Arquivo Geral da UFG", que pretendia reunir e recuperar imagens diversas da instituição, além de torná-las públicas. Como a equipe tinha de recorrer, muitas vezes, a pessoas que já não tinham qualquer vínculo com a universidade (ex-alunos, servidores técnico-administrativos e docentes aposentados, além de pessoas da comunidade em geral), o projeto foi caracterizado como sendo de extensão.

"Apresentamos o projeto ao diretor regional dos Correios à época, Sérgio Douglas Repolho Negri, e ele ficou muito interessado no material. Em 2007, fizemos o lançamento de um carimbo comemorativo e um selo personalizado do centenário de nascimento do primeiro reitor da UFG, Colemar Natal e Silva", relata a coordenadora do Cidarq, Heloísa Esser. A partir de 2008, o grupo do Cidarq começou a desenvolver o projeto com o patrocínio da Empresa Brasileira de Correio e Telégrafos, Correios (já sob direção de Eugênio Montenegro Cerqueira) e, em 2010, junto com o livro, lançaram também um selo personalizado e um carimbo comemorativo dos 50 anos da UFG. "A parceria com os Correios foi fundamental para a confecção do livro; beneficiou de fato a elaboração do material", afirma a professora Maurides Macedo. "O patrocínio permitiu que a obra saísse com uma qualidade gráfica invejável", comenta a professora Isabel Ibarra, que ressaltou o incentivo do reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, na produção e divulgação da obra.

"Os depoimentos são registros de vivências das pessoas que participaram das conquistas e das derrotas da instituição nos últimos 50 anos. Às vezes, passávamos horas conversando com alguém sobre uma única imagem; e a possibilidade de ter na mesma obra todas essas entrevistas deu outro sentido às fotos", completa Rosângela Barbosa. "Durante o trabalho de reunião de imagens e identificação dos personagens que apareciam nas fotos, às vezes conversávamos com pessoas que foram chamadas para trabalhar na universidade no serviço de limpeza, ou apenas servindo o café, mas que têm um carinho pela instituição que é impressionante", conta emocionada Heloísa Esser.

"Recentemente, em junho deste ano, uma fonte-chave para a realização de todo o trabalho, o professor aposentado Orlando Ferreira de Castro, foi empossado como sócio titular no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) e levamos várias cópias do livro para distribuir na cerimônia", relata Maria Teresinha Santana. "Saímos de lá de mãos vazias, com pedidos de outros exemplares e ótimas impressões dos que estavam presentes", conclui. Vários sócios do IHGG fizeram parte da história da universidade.



Fotos: Carlos Siqueira

Em destaque a diretora do Cidarq, Heloísa Esser, durante o lançamento do livro, do selo personalizado e do carimbo comemorativos do cinquentenário da UFG, em 14 de dezembro de 2010

Heloísa Esser lembra que não é usual que os arquivos universitários trabalhem a questão da memória da forma como a obra em questão o faz. "Entre as universidades federais, a publicação de materiais dessa natureza é ainda mais incipiente, já que somente muito recentemente, com recursos do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), é que elas passaram a equipar ou instalar centros de documentação e arquivo", ressalta a coordenadora do Cidarq.

A professora Orlinda Carrijo Melo, da Faculdade de Educação (FE-UFG), afirma que o mérito do livro foi reunir uma pesquisa sobre imagens e outra sobre história oral, de modo que uma complementa a outra. "O livro é extremamente rico porque reúne memórias; e a memória não é uma mera reprodução do passado, mas uma interpretação sobre ele feita no presente", explica. Maurides Macedo afirmou que a obra "é uma forma de preservar a memória dessas pessoas e transmiti-las às gerações futuras; olhando o passado a partir do presente, os entrevistados fazem uma reconstrução do que aconteceu a partir dos anos que viveram na instituição", afirmou. "Nós mostramos como um depoimento sempre complementa o depoimento do outro. As memórias dos entrevistados foram reconstruídas obedecendo a esse vai-e-vem passado-presente-passado, diferente de uma proposta de história linear", acrescenta a professora Isabel Ibarra.

O projeto da FE, iniciado em 2004, Universidade Federal de Goiás – UFG: memória, história e leitura, buscava uma análise do discuso que existia sobre a universidade. Ele ganhou, consecutivamente, nos anos de 2005 e 2006, o prêmio do Programa de Iniciação Científica – UFG/PIBIC, na área de Ciências Humanas, com os trabalhos do aluno bolsista Gilson Luis Costa de Oliveira. "Não queríamos contar uma história, linearmente; nosso objetivo era ir além disso, e descobrir como essa história foi e é interpretada", explica a professora Orlinda Carrijo.

Alunos de pós-graduação em Educação têm utilizado o livro como modelo metodológico para o uso da oralidade e/ou da interpretação de imagens em pesquisas vinculadas à questão da memória, ou que abordem o passado da UFG.

"Temos material escrito, oral e audiovisual de sobra para os outros dois volumes que propomos", revela a professora Maurides Macedo. De acordo com a professora Isabel Ibarra, a ideia era organizar uma publicação dedicada aos anos do regime militar (1964-1985) e uma outra que compreenderia o período de 1985 até hoje. "Para melhorar as publicações poderíamos realizar uma contextualização das falas dos entrevistados entrecruzando diversas fontes, orais, escritas, jornalísticas", explica a professora Isabel Ibarra.

Para garantir o acesso ao livro, os visitantes da exposição sobre os 50 Anos da UFG na Casa de Memória da Justiça Federal (localizada na rua 20, no Centro) podem, conforme disponibilidade, levar uma cópia para casa. A exposição é aberta ao público e deve permanecer até o final do ano. Vários exemplares também foram enviados a diversas instituições de ensino de todo o Brasil, assim como a arquivos públicos, bibliotecas e museus. Muitas agradeceram dizendo que incluiriam a obra em seus acervos. As autoras também levavam cópias a congressos da área de arquivologia, e geralmente voltavam de mãos vazias. "A procura é tamanha que os exemplares iniciais já ameaçam acabar", revela Rosângela Barbosa.

Para a professora Maurides Macedo, muitos alunos não têm ideia alguma sobre a essência da instituição em que estudam. "Assim, o livro é um retorno muito gratificante e merecido para a comunidade acadêmica. Com a obra eles podem ter uma noção, uma compreensão do que foi a luta pela construção da UFG". Usando memórias sob a forma de vozes, imagens, silêncios e lágrimas, o livro pintou um quadro da luta pela criação da UFG, com todas as dores e conquistas que o pincel do tempo marcou na história do estado, do país, e, mais importante, na vida dos que criaram a tela.

Rádio Universitária comemora 50 anos

Primeira concessão do país para a radiodifusão educativa, emissora encara o desafio da integração com outros setores de comunicação da UFG

Conforme artigo publicado por Rosana Maria Ribeiro Borges, Ana Lúcia Nunes de Sousa e Roberto Pereira Nunes na revista **UFG Afirmativa** nº 3 de 2009, a Rádio Universitária foi criada pela Resolução n. 14, de 25 de setembro de 1962, da Reitoria da Universidade Federal de Goiás, e outorgada pelo Decreto n. 56.876, de 16 de setembro de 1965. A implantação da emissora foi fruto de um processo de lutas e reivindicações da comunidade universitária, que acabou conquistando a simpatia do então ministro da Justiça, o goiano Alfredo Nasser. Esse incentivo foi importante para viabilizar a concessão de funcionamento da primeira emissora do país para a radiodifusão educativa.

A maior parte do projeto de implantação da emissora foi coordenada por seu primeiro diretor, Ivo Pinto de Melo. Bacharel em Direito, escritor filiado à União Brasileira de Escritores (UBE) e jornalista por profissão, Ivo Pinto de Melo, falecido em maio de 2008, é considerado um dos pioneiros do rádio em Goiânia. Sua indicação para coordenar a instalação da emissora ocorreu por designação do então reitor da UFG, Colemar Natal e Silva.

A Rádio começou a funcionar no Câmpus Samambaia, em um terreno localizado atrás da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos, no mesmo local onde ainda estão instalados os seus transmissores. Na cerimônia de inauguração estiveram presentes o ex-presidente Juscelino Kubitschek e o então governador de Goiás, Mauro Borges. A instalação em um prédio próprio para acomodar suas atividades ocorreu somente em 1965, quando a Rádio Universitária passou a funcionar na Alameda Botafogo, no centro de Goiânia. Atualmente, a sede da emissora localiza-se no Lago das Rosas, no setor Oeste. A emissora opera em 870 AM, com 20 KW de potência. Além disso, coloca o áudio à disposição pela internet, no endereço www.radio.ufg.br.

Arquivo

Inauguração com Colemar Natal e Silva, Mauro Borges, Ivo Pinto de Melo e Juscelino Kubistchek (da esquerda para direita)

Importância histórica – A programação musical da Rádio Universitária valoriza a música brasileira. A emissora sempre foi o lugar de acolhida dos músicos populares e eruditos que não encontram espaço na mídia tradicional. De acordo com o diretor da Rádio Universitária, o professor Luiz Signates, durante todo o regime militar, a Rádio constituiu um foco de resistência comunicacional à ditadura que prevaleceu no Brasil até o início da década de 1980. Alguns programas datados do início dos anos 1980 foram marcantes nesse sentido. "Destaco o 'Mesa de Bar', o primeiro programa de debate ao vivo em Goiás, que desafiou o regime militar já em seus últimos anos, numa época em que nenhuma emissora de rádio ou televisão ousava fazer programas políticos ao vivo. A Rádio Universitária sempre fez um jornalismo independente", declarou Luiz Signates.

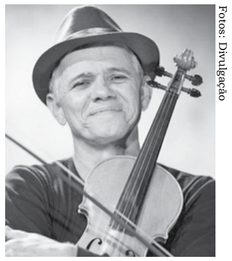
Equipe – Atualmente a rádio possui 28 servidores concursados e, mais do que uma simples emissora, ela funciona como laboratório e campo de estágio importante para estudantes de diversas áreas, como musicoterapia, engenharia elétrica, engenharia da computação e jornalismo. Mais de 40 estudantes da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) têm aulas práticas e produzem, diariamente, programas que vão ao ar sob orientação docente. Para o professor Luiz Signates, "é importante que os profissionais da emissora contribuam na função pedagógica da rádio e que os espaços de programação sejam abertos para a participação do corpo discente".

Desafios – De acordo com o diretor, a emissora deverá também se transformar num grande centro de cultura. "Está em estudo final de implantação o Cine Rádio Universitária, a segunda sala de cinema da UFG, que se vinculará a um projeto de formação de audiência voltado para ofertar vivências de rádio e cinema para alunos das escolas públicas da região metropolitana de Goiânia", informou.

Ele espera também que haja a prometida migração dos sinais de AM no Brasil para a sintonia FM, unificando os sistemas de rádio no país e, com isso, propiciando à Rádio Universitária oferecer as condições ideais de qualidade sonora para a programação de alto nível que a emissora leva diariamente ao ar. Além disso, a emissora também deve encarar o desafio de integrar-se cada vez mais à Facomb, à Fundação RTVE e à Ascom, áreas de comunicação da UFG, conforme o conceito de comunicação pública.

Artistas enviam mensagens a emissora pelo aniversário

Fotos: Divulgação



Antônio Nóbrega – Eu venho aqui parabenizar a Rádio Universitária pelos seus 50 anos de atividades apoiando o músico da região, o músico brasileiro. Cinquenta anos no ar com um jornalismo livre e com a nossa boa música. Parabéns, Rádio Universitária, e parabéns, sobretudo, ao povo goiano.

Cláudia Vieira – Cinquenta anos no ar com informação independente, boa música regional e nacional. Parabéns, Rádio Universitária, parabéns, Goiânia!

Luciana Mello – Estou aqui para parabenizar a Rádio Universitária por esses 50 anos tocando muita música boa e dando muita força, muito apoio a todos os nossos artistas brasileiros e à nossa música brasileira. Muito obrigada pelo carinho.

Beth Carvalho – Quero parabenizar a Rádio Universitária por essa importante data e pelo apoio que tem dado aos músicos goianos ao longo desses anos. São 50 anos no ar com a boa música regional e nacional e com informação independente.

Elza Soares – Eu me sinto honrada em poder dizer parabéns a vocês, porque foi através de vocês que a minha música fez muito sucesso nesses 50 anos. Obrigada e um beijo.

Geraldo Azevedo – Amigos da Rádio Universitária, 870 AM, quero parabenizá-los e celebrar com vocês essa trajetória de cultura e comunicação, mostrando pra gente a real história do Brasil. Eu me sinto muito honrado em fazer parte da programação de vocês, muito obrigado. Parabéns e muitos anos de sucesso e felicidade. Muita força e fé, amor para o que der e vier. Grande abraço.

Uma nova história escrita com linhas, agulhas e solidariedade

Com peças exclusivas da coleção “Nas asas do Bem-te-vi”, a Cooperativa de Bordadeiras Bordana participou da Mostra Paraty EcoFashion 2012

Layane Palhares

Bordana é uma cooperativa formada por um grupo de mulheres que reúne donas de casa, costureiras, professoras, empregadas domésticas, comerciantes e aposentadas de diferentes faixas etárias, condições econômicas e grau de escolaridade, que transformaram a arte de bordar em uma profissão. O grupo foi criado por iniciativa de uma ONG, o **Instituto Ana Carol**, fundado em homenagem a Ana Carolina Oliveira Campos, filha de uma das bordadeiras que sonhava em ser estilista, mas morreu aos 10 anos de idade vítima de leucemia.

Segundo a presidente do Instituto Ana Carol, Celma Grace de Oliveira, entre os sentimentos de solidariedade e de luta, as mulheres do bairro Caiçara viram na cooperativa uma forma de valorizar seu trabalho e gerar renda por meio de suas habilidades. “Apresentei a proposta para as mulheres da comunidade e de uma forma muito solidária iniciamos o projeto, dispostas a contribuir, e também pela oportunidade de estarmos inseridas em uma cooperativa e vermos o nosso trabalho valorizado” disse ela.

Sob a orientação da Incubadora Social da UFG, a Bordana foi declarada cooperativa em 2009. Atualmente o grupo tem 33 cooperados, entre eles, um homem. E graças à persistência e ao esforço coletivo, o trabalho da Bordana ultrapassou fronteiras interestaduais com uma exposição de suas peças exclusivas no Paraty EcoFashion. O evento Paraty EcoFashion 2012, ocorreu no mês de setembro entre os dias 14, 15 e 16 no Rio de Janeiro.

O Paraty EcoFashion é um evento nacional de grande importância realizado em segunda edição. **E**stimula a moda sustentável e tem como principal objetivo divulgar conceitos e produtos que contribuam com a sociedade. Além disso, visa a valorizar saberes tradicionais sobre materiais e técnicas de baixo impacto ambiental, incluir as populações tradicionais e periféricas no processo de produção da moda, e, por fim, debater princípios éticos e estéticos da moda contemporânea.

A cooperativa Bordana foi representada pelas alunas de Designer de Moda da UFG, Ana Carolina da Mata Araújo, Maíra Nascimento Veloso, Mariane Alves Romano e Poliana Alves de Souza Oliveira, que fizeram uma imersão na cooperativa por meio de um curso de extensão com o tema "Design de produto" oferecido pelo Projeto Alfa Trall. Desde o início do curso as alunas participam ativamente da cooperativa como elemento de apoio, auxiliando a continuidade da coleção “Nas asas do Bem-te-vi”, executada pelas cooperadas especialmente para o Paraty EcoFashion 2012.

Para a aluna Ana Carolina da Mata Araújo, representar as bordadeiras é uma oportunidade de apresentar a vários profissionais presentes no evento o trabalho da cooperativa. “ Para o grupo Bordana é muito gratificante ter o reconhecimento depois de muito trabalho e muita dedicação. Conhecer o trabalho das bordadeiras, trocar experiências, saber que aprendemos muito durante a vivência da realidade de uma empresa e ter consciência de que foi possível contribuir de forma positiva para as cooperadas nos deixa imensamente felizes,” disse ela.

Fotos: Divulgação

Bordadeiras exibem produtos expostos no Paraty EcoFashion 2012

Projeto Alfa Trall

O projeto Alfa Trall também é um dos responsáveis pela participação do grupo Bordana no Paraty EcoFashion. O projeto ofereceu em julho deste ano um curso de extensão para as bordadeiras com o tema "Design de produto e Educação continuada para a comunidade de bordadeiras Bordana,” financiado pela comissão europeia, realizado em parceria com o SENAI-GO e coordenado pela professora Maristela Novaes, da Faculdade de Artes Visuais (FAV-UFG).

O curso tinha a proposta de dar formação continuada e trabalhar com um regime de produção cooperativo e de autogestão, em que todos participavam das etapas de produção, ampliando a capacidade de planejamento, de produção e das visões de mercado de todos os cooperados. O curso ocorreu do dia 2 a 19 de julho e prossegue agora como um projeto de extensão, com acompanhamento da professora Maristela Novaes e das alunas de Designe de Moda participantes do curso de extensão. O projeto Alfa Trall, apoia projetos que supram necessidades locais da sociedade e visa à promoção do ensino superior na América Latina como meio de contribuir para o desenvolvimento econômico e social, com uma proposta de educação continuada.

Segundo a professora Maristela Novaes, o curso foi estruturado em três módulos: elementos de gestão de design, criação de produtos/coleção e desenvolvimento de produtos de vestuário. “O trabalho foi desenvolvido inicialmente em cinco grupos distintos para a elaboração de propostas referentes a cada etapa do curso, que, posteriormente, foram apresentadas para um grupo maior, o que incluiu todos os participantes. Cada um dos grupos foi montado com a presença de uma estudante do curso de Design de Moda, como elemento âncora e apoio, seguidos da participação de um cooperado e colaborador,” disse ela.

De acordo com a coordenadora de Assuntos Internacionais da UFG, Ofir Bergemann, a proposta do curso para as bordadeiras da cooperativa encaixou-se nas especificações definidas pelo projeto Alfa Trall. "O curso atendeu uma demanda da cooperativa e foi aprovado pelo projeto Alfa Trall, pois encaixou-se na proposta de proporcionar uma aprendizagem não formal baseada no ensino por competências," informou Ofir Bergemann.

Para as bordadeiras o curso contribuiu tanto para aumentar a capacidade de planejamento de produção, quanto para ampliar a visão de mercado. “Foi uma experiência muito rica, com muitas novidades do mundo da moda, da gestão de produção de produtos, muitas informações importantes para o crescimento do grupo, com mais profissionalismo e uma maior compreensão do perfil do nosso consumidor, do conceito de marca e com uma visão maior de como vender melhor nosso produto,” disse a bordadeira Celma Grace.

É possível observar entre os integrantes da cooperativa independente da sua função dentro do grupo que a Bordana já não é apenas um nome, e sim algo vivo que pulsa dentro de cada um, que possui formas e com um significado maior de superação, força e oportunidade. Segundo Celma Grace, o grupo Bordana é uma oportunidade de valorização do trabalho e melhoria da qualidade de vida. “Através desse trabalho temos resgatado a autoestima das nossas associadas, a alegria do encontro coletivo e das relações humanas e sociais com muito respeito às diferenças, com muita tolerância, amor, solidariedade e saberes,” disse Celma.

Detalhes dos bordados da coleção “Nas asas do Bem-te-vi”, produzidos pela Bordana

CÂMPUS CATALÃO

Pós-graduação em Catalão oferece seis cursos de mestrado

Nos últimos dois anos a oferta de cursos de pós-graduação *strictu-sensu* no Câmpus Catalão (CAC) da UFG aumentou consideravelmente de um para seis programas de mestrado, sendo quatro acadêmicos (Educação, Estudos da Linguagem, Geografia e Química) e dois profissionais (Gestão Organizacional e Matemática). O aumento sinaliza o avanço e a consolidação da pós-graduação no câmpus, gerando a expectativa de que, em breve, outros cursos de mestrados e também de doutorado serão oferecidos pela instituição.

Entre os programas oferecidos, os mestrados profissionais distinguem-se dos demais, segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela ênfase em estudos e técnicas destinados a garantir um alto nível de qualificação profissional. O coordenador do programa de pós-graduação em Gestão Organizacional, André Vasconcelos da Silva, explica que o mestrado profissional prepara o indivíduo para o mercado de trabalho, para atuar no segmento acadêmico, em indústrias ou no setor produtivo em geral, com o objetivo de capacitá-lo a desenvolver técnicas, produtos e a promover adequações de serviço, ou seja, o conhecimento científico produzido tem como foco a prática profissional. André Vasconcelos esclarece que o mestrado profissional pode ter como trabalho de conclusão, por exemplo, o registro de patentes, produtos e *softwares*.

Carlos Siqueira

Consolidação da pós-graduação no Câmpus Catalão gera expectativas de criação de novos cursos nos próximos anos

Assessoria CAC

Coordenador do programa de pós-graduação em Gestão Organizacional André Vasconcelos da Silva

Com um corpo docente formado por profissionais de diversas áreas, que inclui geógrafos, psicólogos, enfermeiros, engenheiros e administradores, o propósito do mestrado em Gestão Organizacional é habilitar profissionais para atuar em instituições públicas e privadas, como igrejas, hospitais, bancos, montadoras e universidades, investigando e elaborando soluções para diversos segmentos da área de gestão da organização. “O trabalho do profissional não se resume a entender o processo em curso, mas também modificar e adequar os processos produtivos relativos à organização”, acrescentou o professor.

O mestrado em Gestão Organizacional oferece duas linhas de pesquisa. A primeira, *Indivíduo, Organização e Trabalho*, preocupa-se em compreender e gerar soluções para o âmbito interno da instituição. Aspectos como o comportamento profissional, a relação do indivíduo com a instituição, a saúde do trabalhador, formas de gerência, entre outras são considerados durante a busca de soluções. A segunda linha de pesquisa, *Inovação e Desenvolvimento de Tecnologia,* tem seu foco na inovação, no desenvolvimento de técnicas gerenciais e de tecnologia de produtos.

Já o mestrado profissional em Matemática (Profmat) é coordenado pelo Conselho Gestor e pela Coordenação Acadêmica Nacional, da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM). O Profmat é o primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* semipresencial do Brasil destinado a professores da Educação Básica. O programa é integrado por 59 instituições associadas e 74 pólos de atendimento em todas as 26 unidades federativas e no Distrito Federal. O curso tem a duração de dois anos, estruturado em quatro semestres letivos regulares e dois períodos de verão (janeiro/fevereiro cada período). As atividades a distância são apoiadas por material didático elaborado e distribuído gratuitamente. De acordo com a sub-coordenadora do Profmat no Câmpus Catalão, Elida Alves da Silva, o polo oferece anualmente 20 vagas. Este ano, foram 139 inscritos e no ano passado foram 122 candidatos.

CÂMPUS JATAÍ

Setores do Câmpus Jataí ampliam o acesso à informação por meio da internet

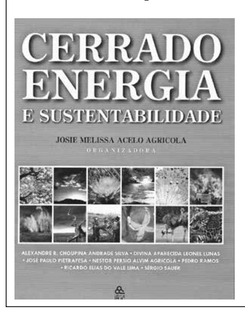
Assessoria de Comunicação CAJ

Duas iniciativas importantes implantadas em 2012 por setores do Câmpus Jataí (CAJ) visam alcançar a comunidade em geral por meio da internet. Um deles foi a elaboração de dois projetos de extensão do Grupo PET Enfermagem. Esses projetos tiveram início em final de agosto com a criação de um website e da rádio web. Sob a tutoria da professora Cristiane José Borges, a programação da rádio está sendo preparada pelos petianos. Eles pretendem criar conteúdos específicos para a promoção e proteção da saúde da comunidade, além de informar sobre as atividades do grupo como, participação em congressos, publicações e outros projetos. Para conferir o sítio PET acesse (www.petenfermagem.jatai.ufg.br), e para ouvir a rádio web (http://radiopetenfjatai.wix.com/pet).

Outra iniciativa partiu da Assessoria de Desenvolvimento & Inovação Tecnológica, que também criou um sítio com o objetivo de sensibilizar a comunidade universitária para os principais conceitos, aspectos políticos e o contexto socioeconômico de valorização do desenvolvimento tecnológico e da inovação. De acordo com o assessor de Desenvolvimento & Inovação Tecnológica do CAJ, Danival Freitas, o sítio será uma ferramenta importante para o desenvolvimento do potencial da instituição com para a geração de sistemas de inovações. Os interessados podem acessar o endereço (http://inovacaotecnologica.jatai.ufg.br/)

Servidora do CAJ publica livro sobre o Cerrado

A servidora do Câmpus Jataí, Josie Melissa Acelo Agricola, publicou o livro Cerrado, energia e sustentabilidade pela editora da PUC Goiás. Trata-se de uma coletânea de trabalhos que discute questões relativas a desenvolvimento sustentável, agronegócio e meio ambiente na atualidade. Entre os colaboradores, estão outros pesquisadores de diversas áreas do CAJ, entre eles o professor do curso de Agronomia, Alexandre Choupina, e do professor do curso de Educação Física, Nestor Alvim. De acordo com a autora, que participou da conferência mundial Rio+20, a intenção é revitalizar o debate ambiental em vista do desenvolvimento econômico e social do Brasil.



Parcerias viabilizam séries de espetáculos na UFG

Universidade busca consolidar-se como instituição articuladora e promotora de cultura para abrir espaço a novos talentos artísticos e contribuir para a formação de plateias

Michele Martins

Por meio de parcerias com instituições privadas e públicas, a Universidade Federal de Goiás tem oferecido ao público goiano boas opções na área de música com uma programação diferenciada. Essa é apenas uma das características da política cultural adotada pela instituição, que prioriza a difusão de músicas de qualidade, apostando em nomes do cenário alternativo, e com o objetivo de contribuir para a formação de plateia. Desse modo, *shows* de artistas que nunca tocaram em Goiânia e que dificilmente despertariam o interesse de outras produtoras entraram na agenda cultural da cidade.

Além do já consolidado projeto Música no Câmpus, cujas apresentações ocorrem no Câmpus Samambaia, várias séries musicais vêm sendo realizadas no Centro Cultural UFG, localizado na Praça Universitária. De acordo com a coordenadora de Cultura da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFG (Proec), Flavia Maria Cruvinel, o espaço tem programação garantida até o final do ano. "Mapeamos os projetos e fomos buscar parceiros para viabilizar as séries que contemplam diversos estilos musicais e modalidades artísticas, como teatro e dança. Muita gente pensa que somos patrocinadores, mas, na verdade, temos uma força grande de articulação", declarou ela. Como destacou o diretor do Centro Cultural, professor Carlos Sena Passos, desde que foi inaugurado o espaço não ficou sem ser ocupado. "Sempre oferecemos uma programação diversificada, de qualidade e muito acessível à população, sem falar que o espaço é muito bonito e organizado, onde as pessoas se sentem à vontade".

Novos talentos populares - Uma parceria entre o Centro Cultural UFG, a Proec e a Consciente Construtora viabilizou a produção de duas séries musicais no segundo semestre de 2012: "Música Consciente", com novos músicos da cena alternativa no país, e "Nova Música Goiana", com músicos da nova geração do estado de Goiás, que ainda estão formando público. Os ingressos custam R$ 20,00 (inteira)/R$ 10,00 (meia) e podem ser adquiridos nas Livrarias da UFG, Tribo do Açaí, Ambiente Skate Shop e Hocus Pocus.

Música erudita - A música erudita também não foi esquecida. Até o final de 2012, sempre aos domingos, e no horário de 11:00 horas, a série Concertos UFG, com patrocínio da Lei de Incentivo Fiscal, promoverá apresentações gratuitas. No dia 21 de outubro subirão no palco o clarinetista Luis Afonso Montanha e o pianista Gilberto Tinetti. Em novembro, no dia 11, o público poderá conferir o violinista Albrecht Breuninger, acompanhado da diretora artística do projeto, a professora da Escola de Música e Artes Cênicas (Emac), Ana Flávia Frazão, ao piano. A coordenação desse projeto é assinada pela professora Gyovana Carneiro, também da Emac. Já a série Govio tem a proposta de trazer violonistas reconhecidos internacionalmente. Outras iniciativas são duas séries promovidas em parceria com a Orquestra Filarmônica de Goiás e o Centro Cultural Oscar Niemeyer, intituladas Grandes Solistas e Concertos de Câmara, respectivamente. Confira abaixo todas as opções de espetáculos com programação definida até dezembro.

Fotos: Luiz da Luz

Público goiano lotou o Centro Cultural UFG para ver as apresentações de Ophélie Gaillard e do baiano Lucas Santtana

Carlos Siqueira

Com programação confirmada até o final do ano, o Centro Cultural UFG, na Praça Universitária, é uma nova alternativa para quem gosta de música. Veja abaixo as próximas apresentações:

Série "MÚSICA CONSCIENTE"
11 de outrubro – 21h - Pélico (São Paulo - SP)
08 de novembro – 21h - Felipe Cordeiro (Belém - PA)
29 de novembro – 21h - Macaco Bong (Cuiabá - MT)
13 de dezembro – 21h - Siba (Recife - PE)

Série "NOVA MÚSICA GOIANA"
05 de outubro – 21h - Diego de Moraes
09 de novembro – 21h - Sertão
07 de dezembro – 21h - Vida Seca

Série "GOVIO" (Violão Clássico)
28 de outubro – 11h - Aluisio Coelho-PR
25 de novembro – 11h - Marcelo Brombilla-RS
09 de dezembro – 11h - Álvaro Henrique – Brasília/DF

Série "CONCERTOS UFG"
21 de outubro – 11h - Luis Afonso Montanha (clarineta) e Gilberto Tinetti (piano)
11 de novembro – 11h - Albrecht Breuninger (violino) e Ana Flávia Frazão (piano)

Série "CONCERTOS DE CÂMARA"
18 de novembro – 11h - Orquestra Filarmônica de Goiás

Série "MÚSICAS"
08 de outubro – Wladimir Gorbach(violão)
09 de outubro – José Luiz Lara (violão)
10 de outubro – David Castelo (música antiga/flauta doce)
04 de novembro – Paulo Guicheney (música eletroacústica)
14 de novembro – Consuelo Quireze (piano)
2 de dezembro – Coral da UFMS - Regência Manoel Rasslan

Série "TODAS AS ARTES"
23 e 24 de novembro – "Lições de Motim" - 3 dias

César Viana*

Novos espaços de informação e cidadania

Desde maio está em vigor no Brasil a Lei de Acesso à Informação (lei nº 12.527/2012), que muda a forma como nos relacionamos com o poder público. Tudo, cada centavo, os mínimos detalhes da administração pública, deve ser disponibilizado para consulta dos cidadãos. Dar acesso a todos os arquivos requer esforço tanto do governo como da sociedade. Isso acontece aqui e em outros países.

Vivenciamos os primeiros balbucios da infinidade de perspectivas que se abrem para a transparência e a convivência em público nos âmbitos digitais. Com isso, abrem-se novas frentes coletivas de atuação para resolver questões cotidianas, como melhorar os fluxos em nossas ruas, reaproveitar o sem-fim de informação gerado em todas as cidades, acompanhar cada detalhe das eleições, ou de como são aplicados os orçamentos públicos.

Pelo mundo afora aparecem mudanças sociais que ganham força pela mobilização em redes *online*. Isso em si é uma grande fonte de notícias e também de dados. Os jornalistas precisam saber como achar e utilizar as fontes para tratar e divulgar a informação, bem como se há permissão legal para se publicar uma base de dados e abri-la para que outras pessoas também tenham acesso.

Jornalismo de precisão

Há um movimento que ganha mais e mais adesão: querem melhorar e difundir o jornalismo de precisão, jornalismo de dados ou #DDJ, sigla-repositório de comentários, ações e *links* sobre esse tal *data-driven journalism*. São diferentes nomes para práticas recentes: incluir os sistemas de dados como fontes de informação no cotidiano das redações ou entre os agentes comunitários de notícias.

O jornalismo de precisão (este termo é o mais usado na literatura de Comunicação desde o início da década de 1970) também pode ser entendido como um esforço da mídia para se adaptar às mudanças que transformam os espaços de informação. Isso inclui diversos aspectos, como mais interatividade e narrativas multidimensionais capazes de incluir o leitor nos processos de produção de notícias. Há muito a se incentivar e a envolver o público na criação e na avaliação de reportagens, por exemplo.

Muda o jeito como os jornalistas passam a apurar, a elaborar e a envolver o público em suas reportagens. Mas quais as dicas, os primeiros casos de sucesso, os procedimentos mais eficazes? A partir do esforço conjunto de entidades como a Fundação pelo Conhecimento Livre (www.okfn.org) e o Centro Europeu de Jornalismo (www.ejc.net) foi feito o desafio de se construir um manual de jornalismo de precisão totalmente aberto. A ideia foi lançada no Mozilla Festival do ano passado, em Londres, e convocava pessoas para, juntas, prepararem artigos durante um fim de semana.

Surgiram 71 colaboradores que fizeram 120 páginas durante seis meses de trabalho. Pessoas de diversos países, culturas e veículos de comunicação se juntaram por meio de uma lista de *e-mail*. Qualquer um pode acompanhar ou participar de todas essas conversas em http://lists.okfn.org/mailman/listinfo/data-driven-journalism.

Entre os participantes estão jornalistas da BBC, *Chicago Tribune*, *Guardian*, *Financial Times*, *The New York Times*, *ProPublica*, *Deutsche Welle* e *Washington Post*. Para saber mais sobre as práticas de jornalismo de precisão e baixar gratuitamente uma cópia é só acessar a página criada pelos voluntários: http://datajournalismhandbook.org.

Inteligência social

Este é um exemplo de como empresas de mídia e alguns setores da sociedade começam a se organizar para criar ou testar novas formas de colaboração para garantir qualidade e presteza aos serviços de notícias. Nos últimos anos surgiram fenômenos que mudaram nosso jeito de nos expressar ou de ler o mundo. Agora temos um pé no digital e nos conectamos mais tempo à internet – inclusive para "conviver" com a família e os amigos.

Se cada pessoa com um celular que fotografa, filma ou funciona como computador é um repórter em potencial, como nos preparamos para garantir acesso à informação, para ganhar em qualidade de educação ou gerar inovação? Já temos mais celulares que gente no Brasil, as condições estão presentes para as mais diversas aplicações de inteligência social. As tecnologias digitais incorporam novas maneiras de disseminar conhecimento e de produzir riquezas. Está em nossas mãos decidir como queremos compartilhar e aproveitar essas oportunidades.

***César Viana** é professor da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) da UFG. Foi um dos colaboradores da primeira edição do Manual de Redação de Jornalismo de Precisão EJC/OKFn.

Carlos Siqueira

Encontro financiado pela União Europeia para estudo da Doença de Chagas ocorreu na UFG

Nos dias 4 e 5 de setembro, o Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) da UFG sediou o encontro final do projeto "Epidemiologia comparativa de linhagens genéticas de Tripanossoma cruzi", desenvolvido no âmbito do 7º Programa de Infraestrutura (FP7) da Comissão Europeia. Trata-se de projeto multicêntrico e multidisciplinar que visa a um melhor entendimento da epidemiologia da Doença de Chagas, coordenado pela *London School of Hygiene and Tropical Medicine*. Integram o projeto representantes de 15 instituições, oito da América do Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Venezuela) e sete da Europa (Bélgica, França, Suécia, Espanha e Inglaterra). O Brasil é representado pela UFG e pela Fiocruz-RJ. Na UFG, o projeto é coordenado por Alejandro Luquetti Ostermayer (IPTSP). O pesquisador explicou que o encontro final é uma espécie de prestação de contas: "Expomos os resultados parciais e o que ainda é necessário fazer, para elaborarmos um relatório final", declarou Alejandro Luquetti.

Projeto Alfa Trall é apresentado no Conpeex

No dia 23 de outubro, dentro da programação do Conpeex 2012, a coordenadora de Assuntos Internacionais, Ofir Bergemann de Aguiar, participará da palestra "Educação continuada por competência: do conceito à implementação", juntamente com a professora Maristela Novaes, da Faculdade de Artes Visuais (FAV). O objetivo é apresentar o Projeto Alfa Trall (financiado pela Comissão Europeia, no âmbito do Programa Alfa III) e a experiência bem sucedida do curso de extensão "Educação continuada para a comunidade de bordadeiras Bordana", oferecido pelo projeto.

Gestão acadêmica e administrativa

Equipe estuda mudanças nos atuais sistemas

Com o objetivo de aprimorar o sistema de gestão das atividades acadêmicas da UFG, uma equipe composta por servidores da Pró-reitoria de Graduação (Prograd) e do Centro de Recursos Computacionais (Cercomp) estudou as possibilidades de implementação do sistema desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) é o maior sistema disponível no mercado e abrange todas as áreas de gestão da universidade, tanto acadêmica quanto administrativa. Esse recurso já está sendo utilizado por 25 instituições federais, entre elas 18 universidades.

No dia 2 de agosto, a reitora da UFRN, Ângela Maria Paiva, acompanhada de alguns pró-reitores e representantes da equipe de Tecnologia da Informação da universidade, recebeu o reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, a pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves, o pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos, Jeblin Abraão, além de representantes da Prograd e do Cercomp para tratarem do assunto. No dia 12 de setembro foi a vez da equipe da UFRN vir até a UFG para apresentar o funcionamento do SIGAA para mais de 50 pessoas diretamente ligadas à implementação e utilização do sistema.

Segundo a pró-reitora Sandramara Matias Chaves, depois de compreender as possibilidades que o sistema oferece, a equipe de gestão da UFG analisou a transferência tecnológica para atender às necessidades da instituição. O reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, deu ênfase aos ganhos e perdas que a universidade teria ao implantar esse sistema integrado de gestão. "Há a necessidade de se fazer um investimento no sistema de informação da universidade. O que devemos estudar são os fatores custo e tempo, já que podemos começar a desenvolver um sistema do zero ou adotar uma experiência já consolidada e ir nos adequando a ela", disse o reitor. Outras reuniões ainda devem ocorrer entre as equipes das duas instituições para implantar o SIGAA.

Ciclismo praticado em família

Durante o VII Passeio Ciclistico da Família, muitas atividades ocorreram no Câmpus Samambaia, incluindo a apresentação da futura ciclovia e cliclofaixa

Anamaria Rodrigues

Alegria, bem-estar e saúde. Essas foram as palavras que marcaram o VII Passeio Ciclístico da Família realizado no Câmpus Samambaia da UFG neste mês de setembro (16). Por ocasião do Dia Internacional de Proteção da Camada de Ozônio, moradores dos bairros próximos à universidade, estudantes, professores e demais membros da comunidade atenderam ao convite para pedalar. O evento, organizado pelos Programas de Educação Tutorial (PETs) da UFG e moradores da Vila Itatiaia, teve o objetivo de valorizar o uso da bicicleta como meio de locomoção saudável e sustentável, além de unir toda a comunidade em um momento de descontração. O passeio durou cerca de 30 minutos e reuniu, segundo a organização, 360 inscritos. Os participantes doaram 1 quilo de alimento não perecível que foi entregue à Capela Nossa Senhora da Piedade na Vila Itatiaia. Eles também concorreram ao sorteio de uma bicicleta.

Segundo o líder do grupo de cicloturismo Pedal Girativo, Josiel Vieira, o passeio ocorreu pela primeira vez em 2004 por iniciativa do grupo que desejava organizar uma atividade diferente para a comunidade do bairro. O evento ocorreu por três anos seguidos, exceto em 2007 e 2008. Em 2010, integrantes do grupo (que também eram professores da UFG) decidiram inscrever o passeio como projeto de extensão na Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec/UFG). Foi o que explicou o tutor do PET de Engenharia de Alimentos, professor da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos, Celso José de Moura: "Eu moro no Itatiaia, pedalo no grupo com outros professores, alunos e servidores da UFG, e vimos a oportunidade de uma integração com a universidade", disse Celso.

O evento

A concentração começou às 8 horas, próximo ao Centro de Cultura e Eventos da UFG. No local, 50 bolsistas dos PETs realizaram atividades. O PET Engenharia de Alimentos ficou responsável pelas inscrições e entrega de camisetas, o PET Enfermagem por aferir a pressão dos participantes e tirar dúvidas sobre hipertensão. Já o PET Nutrição distribuiu frutas, sucos e água. O Grupo Integrado de Ações Contra a Dengue (GIAD/UFG) também esteve presente, alertando a população para os problemas causados pela dengue e as atitudes a serem tomadas para se evitar a proliferação da doença. No local também foi foram instalados um pula-pula e uma mesa de pingue-pongue e realizada uma oficina com materiais recicláveis.

O reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, aproveitou a oportunidade para apresentar a proposta de criação de uma ciclovia e ciclofaixa para o Câmpus Samambaia. Concebida pelo Centro de Gestão do Espaço Físico (Cegef/UFG), a proposta prevê a integração dessa ciclovia com a que será construída pela Prefeitura de Goiânia, que ligará o Câmpus Samambaia ao Câmpus Colemar Natal e Silva, na Praça Universitária. A ciclovia e ciclofaixa que será implantada pela universidade passará pela Escola de Agronomia e pelos setores Jardim Pompeia e São Judas Tadeu, com acesso para os demais bairros da região. O reitor também destacou que o projeto prevê a construção de bicicletários e vestiários na universidade para atender aos usuários desse meio de transporte. "O Cegef/UFG já fez o projeto e nós esperamos ainda este ano a liberação de recursos do MEC para iniciarmos as obras desse espaço, que pretende contribuir para a mobilidade em Goiânia", explicou o reitor.

Antes da partida, as baterias do curso de Farmácia e Ciências Biológicas realizaram um duelo que animou os presentes e promoveu um aquecimento para o passeio. Os exercícios de alongamento dos músculos ficou a cargo de Rafaela Valeryano, da empresa Saúde Laboral, que presta serviços para a universidade há quase três anos. Segundo ela, "se o exercício é realizado sem ter sido antecedido por um alongamento dos músculos, o indivíduo pode vir a ter uma lesão ou mesmo uma contusão". Ela destacou que o alongamento não deve ser feito apenas antes do exercício físico, mas também depois, pois o corpo precisa desacelerar.

Aproximadamente às 10 horas, o passeio teve início e percorreu oito quilômetros dentro da Vila Itatiaia, saindo pela Avenida Esperança e retornando por ela. Grande foi a quantidade de famílias que participaram, como foi o caso de Luciene Rodrigues Ribeiro que estava com o marido e a filha. Há três anos receberam o convite para participar do passeio e desde então não perderam mais. "Além de realizarmos uma atividade física, podemos aproveitar o espaço para socializar com as pessoas", explica Luciene.

Fotos: Carlos Siqueira

Até mesmo as crianças pequenas puderam participar, pois seus pais já haviam adaptado a própria bicicleta com banquinhos para que elas tivessem o prazer de "passear". Balões foram entregues a muitas crianças, que logo os amarraram em suas bicicletas, o que deixou o passeio ainda mais bonito.

Por que pedalar?

O exercício feito em bicicleta faz muito bem à saúde. O ciclismo é uma atividade aeróbica que, por ser de longa duração, promove a melhora cardiovascular e muscular. Mesmo indivíduos sedentários conseguem pedalar durante um tempo prolongado. O aumento da capacidade aeróbica do indivíduo melhora o trabalho do coração, diminui a pressão arterial em repouso e o risco de doenças cardíacas. Já a melhora muscular é consequência do fortalecimento dos músculos, obtido a cada dia pela capacidade em pedalar longas distâncias. Essa atividade aumenta a capacidade do organismo para metabolizar gorduras e transformá-las em energia, promovendo uma diminuição das reservas do organismo. Além de emagrecer, pedalar diminui as chances de doenças metabólicas, como o diabetes.

Segundo o professor da Faculdade de Educação Física da UFG, Eduardo Santos, com o ciclismo uma pessoa de 70 quilos gasta de cerca de 180 a 300 kcal/hora (tendo como intensidade moderada 180kcal e intensidade alta 300kcal). Os homens, em geral, têm mais massa magra (músculos) que as mulheres, e quanto maior a quantidade de massa magra, maior será o gasto energético em qualquer situação, seja em repouso ou durante o exercício físico.

Portanto, o ciclismo proporciona bem-estar ao organismo de modo geral, ao exercitar diretamente coração, pulmões e músculos diversos, e, de forma indireta, influir no funcionamento dos outros sistemas orgânicos. Mas Eduardo Santos lembra que todos esses benefícios só serão possíveis se a pessoa pedalar regularmente, ou seja, ao menos três vezes por semana. "Para as pessoas que pedalam somente aos finais de semana, essas melhoras orgânicas podem ser bem mais lentas ou nem mesmo ocorrer", explica o professor.